

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA DO CAMPO

José Gilberto Coimbra de Sousa

**TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA VIDA CAMPONESA**

Um estudo de caso sobre as transformações socioculturais na vida cotidiana da comunidade  
do P. A. Eldorado, Eldorado do Carajás, Sudeste do Pará



Marabá-PA

2011

José Gilberto Coimbra de Sousa

**TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA VIDA CAMPONESA**

Um estudo de caso sobre as transformações socioculturais na vida cotidiana da comunidade do P. A. Eldorado, Eldorado do Carajás, Sudeste Pará

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação do Campus Universitário de Marabá da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia do Campo.

Orientadora: Profa. Idelma Santiago da Silva.

Marabá-Pará  
2010

José Gilberto Coimbra de Sousa

**TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA VIDA CAMPONESA**  
Um estudo de caso sobre as transformações socioculturais na vida cotidiana da  
comunidade do PA Eldorado, Eldorado do Carajás, sudeste Pará

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação do Campus Universitário de Marabá da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia do Campo. Aprovada em \_\_\_\_\_, obtendo conceito, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Idelma Santiago da Silva.

Presidente da Banca

---

Prof. MSc. Airton dos Reis Pereira

Membro Titular

---

Prof. MSc. Haroldo de Souza  
Membro Titular

Quem se move no meio das coisas humanas,  
Está proibido de ter certezas,  
(Rubem Alves, 2003)

## **DEDICATÓRIA**

A todos os movimentos sociais de defesa da luta camponesa, pela terra e pela educação.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI), pela importante história de luta pela terra e por educação nesta região.

O Raimundo Nonato de Andrade, pela sua história de vida e pela sua contribuição na ocupação e criação do PA Eldorado.

A todos os moradores do PA Eldorado, em especial aos que contribuíram com este trabalho com entrevistas.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus, por tudo que ele representa para mim.

À minha família, pelo apoio que sempre me deram em toda minha vida.

Aos colegas de trabalhos Luciana, M<sup>a</sup> Raimunda, Sampaio, Nilson, Wender, Willer, Lene, Janete e todos os outros. Por fazerem parte do meu cotidiano, pelo apoio e pela importância que eles têm na minha vida.

Aos meus colegas e amigos do curso de Pedagogia do Campo, por serem como uma segunda família para mim.

Aos professores do Curso de Pedagogia, pelas contribuições que deram na minha formação.

Ao Evandro Medeiros, pela importância que teve neste curso.

À professora Idelma Santiago, por ter sido minha orientadora neste trabalho.

## RESUMO

O tema deste trabalho é as transformações socioculturais na vida camponesa. Pautada nas relações construídas na história de luta pela terra e pelas as transformações que ocorrem no cotidiano dessas comunidades camponesas. Em nosso trabalho, usaremos o conceito de assentamento fundamentado em Medeiros (2003), que descreve projeto de assentamento como espaço de produção de alimentos, sustentabilidade, solidariedade, sociabilidade e intervenção política. Isso se dar pela a capacidade de organização dos trabalhadores no processo de luta pela terra e pela permanência nela. A história de criação de assentamentos de reforma agrária no Sudeste do Pará já se completou duas décadas. Nesses 20 anos de história, mais de 450 assentamentos foram criados. O primeiro assentamento criado foi o Castanhal Araras em 15 de janeiro de 1987 no município de São João do Araguaia. A partir daí em diante, vários assentamentos foram criados e um grande número de famílias camponesas fixou-se nesta região. Esses camponeses se estabeleceram nesses assentamentos, formaram comunidades, construíram relações predominantemente solidárias e recíprocas. No entanto, com o passar dos anos, esses assentamentos foram sendo transformados e as relações solidárias, e recíprocas começaram a diminuir. Outro elemento de destaque na criação dos assentamentos é seus potenciais de produção de alimentos principalmente o arroz que era produzido em maior quantidade. Esse potencial de produção também com o passar dos anos começaram a diminuir. Atualmente esses assentamentos principalmente os criados a mais de 10 anos, vem passando várias transformações. Conviver com a venda de lotes, a concentração de terras, desativação de escolas, saídas de famílias do campo para a cidade, diminuição da produção de alimentos, diminuição da solidariedade e individualismo das famílias. Alguns fatores foram condicionantes para essas transformações, entre eles as mudanças de atividade produtivas como a troca das lavouras pela monocultura, os créditos de financiamentos para os agricultores, falta de escolas e oportunidades para os jovens, a chegada da energia elétrica, o conflito de gerações e mudanças de vida dos camponeses. São esses fatores presentes no cotidiano dos assentamentos, que transformaram essas comunidades. Que chamaremos de transformações socioculturais. Em um estudo de caso na vida cotidiana da comunidade do Assentamento Eldorado.

**Palavras chave:** Camponeses, Cultura, Cotidiano e Projeto de Assentamento.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>CAPITULO 1: HISTÓRIA DA VIDA EM FORMAÇÃO</b>	12
1.1 Tempo Escola	16
1.2 Tempo Comunidade	17
1.3 Educação do Campo	18
<b>CAPITULO 2: CARACTERIZAÇÃO DO P.A ELDORADO</b>	19
<b>CAPITULO 3: TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA VIDA CAMPONESA</b>	23
3.1 O parentesco	24
3.2 Ciclos de produção	26
3.3 O PRONAF e a criação do gado	38
3.4 A chegada da energia elétrica	30
3.5 Valores familiares: relações de Intergerações	32
3.6 O assentamento e os desafios para as escolas	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	42
<b>REFERÊNCIAS</b>	44
<b>ANEXOS</b>	46



## INTRODUÇÃO

A abordagem deste trabalho, sobre as transformações socioculturais no Projeto de Assentamento Eldorado, em Eldorado do Carajás, sudeste do Pará, traz para o debate vários elementos que fizeram com que esta comunidade vivenciasse transformações em suas características de assentamento da reforma agrária.

Embora não exista um conceito próprio ou definido do que seja um assentamento e nem características que definam uma área rural como um assentamento, considero como referência as definições do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o conceito de Medeiros (2003). Segundo o INCRA, para uma área rural ser considerada um assentamento ela precisa estar regularizada por órgãos responsáveis pelas questões agrárias e os agricultores dos lotes estejam num cadastro chamado de RB (Relação de Beneficiados), passando a ter alguns direitos sobre o lote, a créditos e etc. Trabalharei também com o conceito de Medeiros (2003), que descreve projeto de assentamento como espaços de produção de alimentos, de sustentabilidade, solidariedade, sociabilidade e intervenção política. Isso se dá pela capacidade de organização dos trabalhadores no processo de luta pela terra e pela permanência nela.

No entanto, alguns assentamentos como é o caso do Assentamento Eldorado vivenciaram transformações desses elementos que podem ser considerados próprios de um assentamento de reforma agrária. Como exemplo, produção e sustentabilidade, relações de reciprocidade entre agricultores (famílias), organização social e política etc.

O projeto de assentamento Eldorado localizado a 20 quilômetros da sede do município de Eldorado do Carajás foi criado em janeiro de 1989, começou com um total de 135 famílias. Cada família possuía um lote de 50 hectares (s.) de terra ou 10 alqueires como é chamado pelos agricultores do P. A. Durante um período de aproximadamente 12 anos, o Projeto de Assentamento Eldorado foi um dos maiores produtores de alimentos, como arroz, milho, mandioca, feijão, fava e criação de pequenos animais da região, chegando a abastecer as cidades de Eldorado, Curionópolis e ainda exportando grãos para outras regiões do Brasil. Mas com o passar dos anos a

produção de grãos foi reduzida e outras atividades econômicas foram surgindo como, por exemplo, a criação de bovinos, até que a produção de alimentos foi diminuindo deixando quase de existir. Atualmente o assentamento sobrevive da criação de pequenos animais e da monocultura (criação de gado de corte e principalmente da produção de leite), pois o P. A. produz cerca de 3.000 litros de leite diariamente.

No entanto, com a criação do gado e o plantio de pastagem nas terras, surge então uma série de questões: venda de terras, abandono de lotes, concentração de terras e exploração do trabalho entre moradores do P. A. No início, em 1989, o Projeto de Assentamento Eldorado, tinha 135 famílias. Atualmente existe no PA Eldorado 95 famílias, dessas, 76 famílias são donas dos lotes de terra que moram, as outras 19 famílias é vaqueiro ou caseiro. Se antes cada família possuía 50 hectares de terra, hoje existem casos de uma única pessoa possuir mais de 700 hectares de terras dentro do assentamento.

Outros fatores relevantes a serem observados são as relações entre os moradores. A maioria das pessoas do assentamento é oriunda do Nordeste. Com a criação do assentamento criou-se também costumes comuns entre moradores, relações recíprocas e de solidariedade entre as famílias. As relações de reciprocidade entre vizinhos era presente no PA. Se um trabalhador matava um animal, ou pescava peixe, compartilhava um pouco entre os vizinhos, que o mesmo retribuía com outro produto. Ao anoitecer, os vizinhos se reuniam nas casas uns dos outros, enquanto os mais “velhos” conversavam, as crianças e jovens brincavam de cantigas de rodas, *cai no poço* e outras brincadeiras.

Com o tempo e as mudanças ocorridas, essas relações recíprocas entre vizinhos foram sendo transformadas. Hoje se matam um animal ou pescam peixes, é vendido no quilo para os vizinhos que antes era compartilhado. Os jovens foram embora do assentamento e os poucos que permaneceram saem aos finais de semana para as *baladas na rua*, que é como são chamadas as festas na cidade, às vezes se envolvem em brigas, até mesmo morte de jovens do assentamento nessas festas. Os vizinhos que antes se reuniam, hoje passam vários dias sem se falarem ou até mesmo sem se verem, embora estejam todos os dias em suas casas próximos umas das outras.

Tais fatores nos levam a pensar sobre as seguintes questões: Quais fatores provocaram mudanças no cotidiano do assentamento e quais possam ter transformado

de forma significativa todo um contexto antes existente? Quais elementos têm provocado a concentração de terras no assentamento? Quais as perspectivas de vida dos antigos moradores e dos recém chegados no Assentamento? Como vivem os jovens do assentamento e quais suas perspectivas de vida?

Os motivos que provocaram tamanhas transformações talvez estejam relacionados às seguintes questões: o sonho de melhorar de vida através da pecuária pelos agricultores; a política de incentivo a criação do gado através de projetos de financiamento como o FNO e PRONAF aos agricultores; a saída das famílias guiadas pela necessidade dos filhos jovens continuarem os estudos; a busca e o desejo dos jovens pelo lazer e algo que lhes traga satisfações e chegada da energia elétrica junto com a televisão condicionando as pessoas do assentamento em casa assistindo TV e não saindo mais para conversar na casa dos vizinhos.

O interesse na escolha do tema e na abordagem referente à problemática escolhida, parte dos seguintes princípios: a minha necessidade de formação acadêmica enquanto pedagogo, pela minha história de vida ligada ao campo, pelo convívio no cotidiano do assentamento e fazer parte de todo esse processo histórico de transformação e também pela relevância social da temática nos debates da reforma agrária.

Os objetivos deste trabalho é conhecer os vários elementos que provocaram transformações socioculturais no assentamento e se os mesmos elementos também contribuíram para as mudanças nas relações entre os moradores do. Conhecer os motivos em que levaram assentados da Reforma agrária a venderem suas terras. Identificar elementos culturais que existiram e quais ainda existem no assentamento.

Como orientação teórica norteadora para as reflexões sobre a temática proposta, trabalhei com os seguintes autores: Jean Hebette (1996; 2004), Salhins (1990), Medeiros (2001) e Thompson (1981). Hebette pelas interpretações da territorialização camponesa na Amazônia: processos migratórios, luta pela terra, situação socioeconômica das comunidades camponesas. . Medeiros pela discussão do processo de criação de assentamentos e seu contexto político no Brasil. Salhins pelo conceito dinâmico de cultura que incorpora a noção de transformação, através das relações entre grupos diferentes e ações dos próprios sujeitos. Por fim, Thompson pela a abordagem sobre a cultura humana usando o conceito de experiência entendida como ações em que os homens e mulheres retornam como sujeitos que experimentam suas situações e

relações produtivas como necessidades e interesses. E tratam essas experiências em sua consciência e sua cultura.

A metodologia de pesquisa foi referenciada nos princípios teóricos e metodológicos da Pesquisa Qualitativa, priorizando o método do Estudo de Caso (LUDK e ANDRÉ, 1983). Esse tipo de método enfatiza a complexidade das situações evidenciando a inter-relação dos seus componentes. O estudo de caso permite a coleta de uma variedade de informações. O pesquisador pode recorrer a uma variedade de dados, de situações e tipos de informantes. Na presente investigação, trabalhei com observações, fotografias, documentos escolares como ficha de matrículas, documentos do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) e 08 entrevistas realizadas em setembro de 2010 com moradores e ex-moradores do assentamento, gravadas e transcritas.

O trabalho de análise foi apoiado em Minayo (2002). A autora apresenta uma proposta de análise em categorias, proporcionando ao pesquisador uma melhor organização no processo de análise dos dados em pesquisas qualitativas. A autora trabalha com as técnicas de análise de conteúdo e suas funções de aplicação dessas técnicas em três fases. Em sua proposta de método, Minayo apresenta o método hermenêutico-dialético.

Nesse método segundo a autora, a fala dos atores sociais deve ser situada em seu contexto para melhor ser compreendidas. Essa compreensão tem como ponto de partida, o interior da fala e como ponto de chegada, a especificidade histórica e totalizante que produz a fala. As comunicações individuais, as observações, os rituais, cerimônias, costumes e condutas, são aspectos também a serem considerados nesse método de análise. As categorias de análise de nosso trabalho são as seguintes: as relações de parentesco na formação do assentamento, os “ciclos produtivos”, as relações intergeracionais e as políticas públicas.

O trabalho é composto de três capítulos. O primeiro capítulo é uma narrativa da minha história de vida, tendo como abordagem principal meu processo formativo, em especial, durante o curso de Pedagogia do Campo. Mistura narrativa e reflexão acerca do meu processo de formação acadêmica e suas contribuições na vida profissional e como ser humano. O segundo capítulo apresenta uma caracterização do

Assentamento Eldorado em seu processo histórico e sua realidade atual. No terceiro capítulo apresento a abordagem sobre os dados coletados nesta pesquisa, conforme as questões propostas para investigação, bem como discuto os desafios para as escolas do assentamento. Por fim, nas considerações finais farei uma síntese de todos os elementos que considero relevante para as mudanças ocorridas no Assentamento Eldorado, achados em nossa pesquisa.

## CAPITULO 1: HISTÓRIA DA VIDA EM FORMAÇÃO



Foto minha tocando violão no alojamento, no encontro do IDEA  
Em Belém em julho de 2010.

*Gosto de ser gente porque sou inacabado.  
Sei que sou um ser condicionado, mas tendo consciência  
Do meu inacabamento, posso ir mais além.  
(Paulo Freire).*

É guiado com a convicção de que somos seres inacabados, que farei uma narração da minha história de vida e processo formativo. Falarei das alegrias, tristezas, momentos bons, momentos ruins, experiências, aprendizados que me servirão para toda vida.

Nasci em 05/09/1979, em um pequeno vilarejo chamado Bom Jesus da Mata, município de Cândido Mendes, no Estado do Maranhão. Sou o 8º filho numa prole de nove filhos. Vivi ali por um período de oito anos, meus pais trabalhavam na agricultura de onde tiravam o sustento da família. Mesmo havendo escola naquele lugar não pude estudar, mas não sei os motivos. Porém foi na cidade de Curionópolis, aqui no Pará, onde permanecemos por um período de dois anos, que descreverei minhas experiências com o mundo da leitura e da escrita.

Chegamos naquela cidade em 1987. Viemos do Maranhão e meu pai alugou uma casa ali e viveu por um período de dois anos trabalhando no garimpo daquela região. Enquanto meu pai vivia nos garimpos em busca de melhoria de vida para nossa família, eu e meu irmão vendíamos sorvetes, picolés, salgados e outros alimentos nas ruas. Como não podíamos vender em um mesmo local, meu irmão me levava até a praça ou aos campos de futebol e me deixava ali para vender nossos produtos e ia para outro local. Como eu precisava voltar sozinho para casa, ao sair de casa eu já ia olhar e memorizar os *outdoor* e os nomes dos supermercados, das farmácias e de outros estabelecimentos comerciais nas ruas, por isso os mesmos serviam de referências à minha volta para casa. Segundo Freire (1993, P. 29) “a leitura e a escrita se dá através de palavras e temas significativos”. Foi assim que aprendi a ler, lendo os nomes dos supermercados para voltar pra casa, fato também que pode ser justificado dentro de uma abordagem sociointeracionista de Vigostiky onde Rego (1999, p. 72), afirma que os sujeitos se desenvolvem e constroem sua aprendizagem através de sua interação com o contexto de seu meio.

Em 1989 fui pela primeira vez à escola. Havíamos mudado para o município de Eldorado do Carajás para a localidade onde hoje é o PA Eldorado e ali naquele assentamento foi possível eu ir à escola. Chegando lá como eu já possuía algumas habilidades de leitura então fiz teste e ingressei na 2ª série do ensino fundamental. Naquela escola do assentamento estudei até a 8ª série.

Na escola, o que mais tenho lembranças era quando cantávamos o hino nacional em fila antes de entrarmos todas as manhãs, das cópias que fazíamos dos livros didáticos e das brincadeiras com os colegas bem como antes de sair, ao meio dia, todos tinham que dá a lição para a professora, para poder ir para casa.

As noites de luas claras a gente ia para a casa das vizinhas, enquanto os “mais velhos” conversavam, as meninas brincavam de cantigas de roda, *do pega, cai no poço*, etc. Nos finais de semana, como minha família é evangélica, íamos para a igreja durante o dia e também à noite, onde eu também tinha contato com textos religiosos, como a bíblia, harpa de hinos, revistas, folhetos etc. Tantas as leituras como os ensinamentos religiosos da família contribuíram para a formação do meu caráter, valores morais, princípios éticos de minha pessoa. Eu sempre estava em contato com a música, textos religiosos e isso só reforçava cada vez mais a minha formação religiosa.

“O aprendizado da criança em seu grupo é social, tipicamente humano e, portanto é histórico” (REGO, 1999, p. 23).

Eu havia concluído a 8ª série do ensino fundamental na escola do assentamento e então me vi diante de mais uma barreira na vida. Surgia a necessidade de sair do assentamento para continuar a estudar e fazer o ensino médio, porém minha família, no caso meu pai, disse que eu não iria mais estudar, pois se eu fosse para a rua (zona urbana) eu iria me deixar influenciar por más companhias e me tornaria o que ele chamou de malandro. Mas como minha mãe sempre me apoiou em tudo que eu queria, mesmo contra a vontade do meu pai, ela me mandou para a casa da minha irmã que morava na cidade onde comecei a estudar. Eu estudava à noite e durante o dia eu trabalhava na construção civil. Eu já estava nessa rotina há um ano quando surgiu o (PRONERA) em 1999. Como eu havia deixado toda uma história de luta no assentamento e que ainda tinha uma ligação com o mesmo, fui indicado para vir à Marabá e fazer a prova seletiva. Fui aprovado e então começou a minha vida no (PRONERA).

A opção de largar tudo e estudar o ensino fundamental novamente, agora no (PRONERA), se deu pelo fato da possibilidade de continuidade no programa, pois eu sempre pensava em fazer uma graduação. Mas quando cheguei ao curso percebi que a partir daquele dia eu estava mudando radicalmente o rumo da minha vida e que o meu mundo e minha vida nunca mais seriam os mesmos.

De início algumas dificuldades me entristeciam, entre elas a saudade da família, de casa, da igreja, dos amigos que haviam ficado para trás, era muito forte, às vezes eu tinha vontade de ir embora para casa, outras vezes eu até chorava de saudade, mas permanecia devido ao objetivo de estudar. Com o tempo fui fazendo amizades na turma, com alguns professores, entre eles a professora Cleide Pereira dos Anjos, professora Hildonete Pereira dos Anjos e outras que me orientavam e me aconselhavam a não desistir de meus objetivos.

Das atividades que fizemos no (PRONERA), o que mais me recordo foi quando estudamos o filme *Morte e Vida Severina* baseado no poema de João Cabral de Melo Neto, onde passamos uma semana fazendo esta atividade.



Nas etapas do curso magistério do (PRONERA), éramos tão felizes, mesmo cada um estando longe da família e de suas casas, éramos felizes no dia-a-dia, a ausência do carinho das famílias era preenchido com os companheiros da turma, a cada etapa havia muita alegria e festa ao reencontrar os companheiros, não havia brigas e todos se amavam e nos tratavam com muito carinho.

Ao concluirmos o curso em 2004, eu voltei para meu assentamento e comecei a exercer a docência na Escola do Assentamento. Mais tarde passei no concurso público do município de Eldorado do Carajás, o que só reforçou o trabalho na docência, apesar das dificuldades que as escolas do campo sofrem com questões de infra-estrutura e outras. Continuei ali desenvolvendo o meu trabalho e vou continuar no campo, pois foi essa a opção que escolhi e vou continuar com essa escolha.

Em 2006 iniciamos o curso de pedagogia o que para mim era um sonho, mas também a continuidade dos outros cursos do (PRONERA) anteriores. Fiquei muito triste porque parte da turma do magistério anterior, não estavam mais aqui, uns não passaram na prova seletiva, outros nem vieram fazer. Quase chorei quando não vi amigos como Deuzenites, Irene, Nádia e outros que haviam ficado pelo caminho, mas essa tristeza foi amenizada pela oportunidade de conhecer pessoas novas que também seriam meus amigos dali em diante.

Iniciamos o curso de Pedagogia do Campo, como passou a ser chamado e por ter essa identidade camponesa, em 26 de junho de 2006. Apesar de haver pessoas que já se conheciam, a grande maioria era “estranha,” sabíamos pouco uns dos outros e a convivência se tornou um desafio. No entanto, passamos por etapas de oficinas com Dan Baron e Manoela, depois Idelma sobre narrativas e história de vida o que possibilitou uma melhor convivência entre ambos.

A história de vida é uma matéria transitória, viva, que se recompõe sem cessar no presente do momento em que ela se enuncia [...] A história de vida não é a história da vida, mas é a reinvenção pela qual o sujeito se produz como projeto de si mesmo (MOMBERGER, 2006, p.36).

A concepção de história de vida defendida por Mombberger se assemelha aos princípios do trabalho com histórias de vida desenvolvido no curso de Pedagogia do Campo. Para nós, não bastava contar nossas histórias, mas refletir sobre elas, para um novo processo de reinserção no mundo. Assim, o curso de Pedagogia do Campo passou a dialogar e refletir sobre a vida e a história de vida de cada sujeito envolvido, como produtores de conhecimentos.

As ações de formação do curso de Pedagogia do Campo foram divididas em processos que se complementaram, chamados de tempo escola e tempo comunidade.

### **1.1 Tempo Escola**

O tempo escola começou um pouco difícil para mim, devido ao meu contato com a leitura ter sido muito limitado tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Ao chegar à universidade tive muitas dificuldades com a linguagem, quantidade e o tamanho dos textos. A exigência do nível de interpretação, reflexão e produção textual aumentavam a cada dia no decorrer do curso. Só com a prática no cotidiano universitário que fui construindo hábitos de ler e esses problemas começaram a ser superados. Como afirma KRUPPA (1994, p. 23): “É a capacidade de os homens reagirem, de serem capazes de atuar juntos a outros homens, aprendendo e ensinando, que se torna possível a educação”.

Um ponto de aprendizagem significativa no tempo escola foi o convívio coletivo. Aprender a conviver coletivamente com as diferenças foi um aprendizado doloroso. Às vezes aconteciam situações conflituosas, tanto na sala de aula como nas repúblicas, pois moramos todos juntos em algumas etapas do curso. Somos seres com orgulho e egoísmo e isso dificultava, às vezes, a relação afetiva na convivência. Mas sempre superávamos os conflitos no diálogo e aprendíamos a conviver no cotidiano coletivamente.

Outro ponto de destaque importante no tempo escola era a escolha dos professores para ministrar as disciplinas do curso. Cada professor antes de ir trabalhar

com a gente tinha uma conversa com a coordenação do curso, ficava sabendo um pouco sobre o perfil da turma. Daí planejava seus trabalhos com metodologias que nos proporcionavam a superação de nossas limitações e nos garantia grandes aprendizagens.

## **1.2 Tempo Comunidade**

O tempo comunidade foi outra parte fundamental na formação do curso de Pedagogia do Campo, pois foi uma forma importante de unir teoria e prática. O tempo comunidade durante todo o curso assumiu a pesquisa como princípio educativo.

Durante todo o curso foram desenvolvidos várias pesquisas e projetos pedagógicos riquíssimos e muito importantes para nossa formação, mas citarei apenas a pesquisa em educação infantil que trouxe benefícios tanto para a minha formação, como para a comunidade do assentamento. Iniciamos esta pesquisa em setembro de 2007, com o propósito de conhecer a situação das crianças do assentamento. Levantamos uma demanda de 22 crianças com idade entre 4 e 6 anos que se encontravam fora da escola. Com esses dados nas mãos, a comunidade se mobilizou, reivindicou e foi construído no assentamento Eldorado uma sala de ensino infantil que passou a funcionar já em janeiro de 2008, atendendo 20 crianças. Isto também ocorreu da mesma forma em vários outros assentamentos onde também foi desenvolvida a pesquisa.

Outras ações, projetos e pesquisas também foram realizados no tempo comunidade ao longo do curso e de todo o processo de formação. Foram ações que contribuíram muito para nossa formação e servirão de experiências pra vida toda, tanto na vida profissional como na vida pessoal. Na vida profissional pela ética, dedicação e compromisso com/no trabalho. Na vida pessoal pela solidariedade, o respeito aos outros e a dignidade humana construída na vida e no curso de Pedagogia o Campo

### **1.3 Educação do Campo**

Já se completou 10 anos que o tema Educação do Campo vem sendo discutido no sudeste do Pará. Durante todo este período, instituições como a Universidade Federal do Pará e vários movimentos sociais ligados ao campo vem desenvolvendo ações como fóruns, seminários, conferências, projetos etc., promovendo mudanças na educação e na vida de jovens camponeses.

Discutir sobre Educação do Campo é discutir sobre práticas didáticas, estrutura escolar e currículo. O currículo tem sido o principal item na discussão de Educação do Campo, pois ele pode condicionar o tipo de educação e de sujeito a ser formado nesse ambiente de ensino. Daí, reorganizar o currículo um dos lemas principais nesse debate.

A reorganização do currículo segundo Medeiros (2008), é a reinvenção pedagógica nas escolas do campo, que contribua para a reflexão da vida dos sujeitos do campo, com base nos modos de produção existente. Um currículo que esteja vinculado a outros espaços e atividades existentes, com propostas curriculares que respeitem os sujeitos do campo e tomem o campo como um lugar também de produção de conhecimento.

Um dos exemplos de reorganização curricular na Educação do Campo é o sistema de alternância adotado pela Escola Família Agrícola (EFA) e pelas Casas Familiares Rurais (CFRs). O sistema de alternância ou pedagogia da alternância valoriza alguns dos princípios da Educação do Campo. Entre eles a história de vida dos sujeitos, os meios de produção e atividades produtivas em que os sujeitos estão inseridos. A pedagogia da alternância divide também o processo de formação em dois períodos: Tempo escola e tempo comunidade. No tempo escola é um período de estudos teóricos, oficinas e planejamentos de atividades a serem desenvolvidas na comunidade. No tempo comunidade, é o período de ações práticas do que foi planejado no tempo escola.

A proposta de reorganização do currículo defendida na Educação do Campo, não se trata de uma dicotomia entre campo e cidade. Trata-se de incluir o campo dentro do currículo, de construir conhecimentos dentro da realidade dos povos

do campo. Como exemplo, as unidades de medidas usadas no campo como a braça para daí chegar ao metro que é a medida universal.

O que estamos reivindicando nos debates sobre Educação do Campo, é que haja nos currículos escolares uma maior atenção para as particularidades do campo que se leve em conta a vida dos sujeitos, a cultura local, organização política, as individualidades, coletividade, atividades produtivas e a vida cotidiana. Que as escolas do campo adotem sempre a pesquisa como princípio educativo.

## **CAPITULO 2: CARACTERIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO. ELDORADO. PROCESSO HISTÓRICO E DADOS ATUAIS**



Assentamento Eldorado. Situação de estradas, solo e pastagem (foto: Gilberto Coimbra, 2010)

O projeto de Assentamento Eldorado, é resultado de uma ocupação conflituosa entre um grupo de trabalhadores liderados por Raimundo Nonato de Andrade e a grande oligarquia dos castanhais de nome Mutran, tendo como principal nome de referencia oligárquica da época Osvaldo Mutran, nos anos de 1988 e 1989 durante a ocupação. A família Mutran, è uma referencia na história da Região Sudeste do Pará. Tanto na influencia política nos poderes Legislativos, como no extrativismo dos castanhais da região. Segundo Emmi (1996), a família Mutran é de origem libanesa que assumiram o monopólio dos castanhais na região de marabá a partir da década de 50. Substituindo o monopólio antes predominante de Deodoro de Mendonça e sua parentela.

No período de conflito e ocupação da Fazenda Motor Queimado onde hoje é o P. A. Eldorados, a área era de domínio da família Mutran, que detinham o Aforamento dos castanhais da área. “O sistema de aforamento é uma modalidade jurídica de apropriação de terra na qual o Estado se mantém como proprietário, e o foreiro detêm o direito de uso” (EMMI, 1996, P. 05). Segunda a autora, a hegemonia castanheira começou a se enfraquecida a partir dos anos 80. Tanto na questão política com a eleição

de outros grupos em cargos políticos no estado e em Marabá, como também pela organização e de terras por grupos de trabalhadores rurais provocado pelo fim dos garimpos e outros fatores.

Parte desses dados históricos é de uma conversa que tive com Raimundo Nonato De Andrade em 2007 que liderou os trabalhadores no processo de ocupação. Hoje ele reside na cidade de Marabá, vive em uma cama sem pode andar por problemas de saúde.

Em 1988 Raimundo Nonato que morava em Curionópolis, organizou um grupo de trabalhadores que viviam nessa região trabalhando nos garimpos, ambos emigrantes do Nordeste principalmente do estado do Maranhão. E entraram na luta pela desapropriação da área onde hoje é o assentamento. Começava ali uma grande tensão e conflito entre trabalhadores e a oligarquia Mutran.

A situação conflituosa foi ficando a cada dia mais tensa, o grupo Mutran, contratou um grupo de pistoleiros que entraram na área, com ordem para matar qualquer pessoa que entrasse na área. Segundo Raimundo Nonato, alguns trabalhadores foram mortos nesse período dentro da área. Raimundo nonato juntou seu grupo e acamparam a 10 km de distancia da área. Enquanto o povo estava acampado, Raimundo Nonato andava escondido, pois ele era procurado pelos os pistoleiros para matá-lo. Nesse período ele afirma que chegou a ver pistoleiros a sua procura para matá-lo, mas ele se escondia.

Raimundo Nonato procurava ajuda nesse período junto ao Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins (GETAT). Órgão do governo responsável pelas questões agrária na época. Representado nesse período pelo atual deputado Asdrúbal Bentes, que fornecia a alimentos, transportes viagens e pagava as questões jurídicas. Após um período de 02 anos, a terra foi desapropriada e 135 famílias fixaram-se dentro da área. Todos nordestinos que Viviam nesta região trabalhando nos garimpos. Apos fixado começaram a produzir na terra e a introduzir suas culturas nesta região.

O Projeto de Assentamento Eldorado possui uma área de 6.800 heqitares de terra. Toda essa área era explorada pelo grupo Mutran que extrai castanhas da floresta esse era o motivo de muitos conflitos com camponeses no processo de ocupação Mesmo ocupada em 1988, essas famílias só receberam a regularização e posse dos lotes de terras somente em 1997, ou seja, 09 anos depois da ocupação. Em 1996, foi

construída a estrada com recursos do Governo Federal vindos pelo (INCRA) e em 2007 chegou à energia elétrica através do Programa Luz Para Todos beneficiando todos os moradores do assentamento.

Durante muito tempo o PA Eldorado foi um grande produtor de arroz, milho e mandioca, abastecendo a sede do município e cidades vizinhas Curionópolis e Parauapebas. Nesse período o assentamento era uma referência na região em capacidade de produção de grãos. O que também movimentava o comércio da região.

Outro fator relevante era o movimento de pessoas no assentamento no período das colheitas. As roças eram grandes e as famílias dos agricultores não tinham como colherem sozinhos. Para realizar essas colheitas, os agricultores procuravam pessoas na região. Isso ocasionava um grande fluxo de pessoas no assentamento, vindos de Curionópolis, Marabá, Serra Pelada e outras cidades vizinhas. Essas pessoas trabalhavam em um sistema que chamavam de meia ficando com metade do que colhia, ou na terça ficando com um terço do que colhiam. Quando terminavam as colheitas essas pessoas voltavam para suas casas levando consigo a parte dos alimentos que ganhavam com seu trabalho nas colheitas no assentamento.

Após esse período de muita produção de alimentos que durou em média 10 anos, entre 1990 a 2000. O assentamento passou a se dedicar apenas à pecuária, criação de gado leiteiro. Embora exista no PA Eldorado 08 funcionários públicos e 10 aposentados, a criação de pequenos animais, atualmente o assentamento tem sua renda predominante na produção de leite. Chegando a produzir em média 3.000 litros de leite por dia. Todas as famílias trabalham na produção do leite, que é vendido para os laticínios da região. O leite é vendido para as indústrias fora do assentamento e tudo que é consumido pelas famílias no assentamento é comprado e trazido da zona urbana. Produtos como roupas, calçados, produtos e higiene e até mesmo alimentos como arroz, carne, ovos feijão, milho e outros que antes eram produzidos no assentamento, todos são trazidos da cidade.

Este fato pode ser atribuído ao o grande numero de projetos de financiamento de incentivo a pecuária em seu histórico de desenvolvimento. De acordo com o Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA, 2005), só em 1997, 80 famílias receberam o (PRONAF). Em 2001, 55 receberam o mesmo tipo de financiamento, construção de cercas, represas, curral, pastagem e compra de gado. Tais



financiamentos podem ter provocado a introdução da monocultura, a concentração de terra e uma série de transformações socioculturais dentro do assentamento. Essas transformações socioculturais serão abordadas mais neste trabalho.

A maioria das pessoas do assentamento é oriunda do Nordeste. Com a criação do assentamento criou-se também costumes comuns entre moradores, relações recíprocas e de solidariedade entre as famílias do PA. As relações de solidariedade entre vizinhos era presente no PA. Se um trabalhador matava um animal, ou pescava peixe, compartilhava um pouco entre os vizinhos, que o mesmo retribuía com outro produto. Ao anoitecer, os vizinhos se reuniam nas casas uns dos outros, enquanto os mais “velhos” conversavam, as crianças e jovens brincavam de cantigas de rodas, cai no poço etc.

Com o tempo e as mudanças ocorridas, as relações solidárias entre vizinhos e toda afetividade foi deixando de existir. Hoje se matam um animal ou pescam peixes, é vendido no quilo para os vizinhos que antes era compartilhado. Vários jovens começaram a ir embora do assentamento e os poucos que permaneciam começaram a sair do assentamento nos finais de semana para as baladas na rua, que é como são chamadas as festas. Às vezes se envolver em brigas, existe até mesmo casos de morte de jovens do assentamento nessas festas. Os vizinhos que antes se reuniam, hoje passam vários dias sem se falarem ou até mesmo se ver, embora estejam todos os dias em suas casas próximos umas das outras.

Existe atualmente no PA Eldorado 95 famílias, dessa, 76 famílias são donos dos lotes de terra que moram, 19 famílias é vaqueiro ou caseiro, vivem em terras em que os donos vivem nas cidades vizinhas. As casas são de madeiras ou de alvenarias. O assentamento tem uma população de 410 habitantes, desses, 28% são crianças, 18% adolescentes e jovens com idades de 14 a 20 anos, 40% são adultos e 14% são idosos acima dos 60 anos. Segundo dados de uma pesquisa realizada no Assentamento em 2008, por alunos do curso de Pedagogia do Campo da UFPA, 80 % das pessoas do PA Eldorado são nordestina, com um grande número de maranhenses chegando a 40% no total. Há também uma grande quantidade de parentes dentro do assentamento. Essa questão de parentesco foi um elemento importante na migração e ocupação no assentamento.

O assentamento possui duas escolas, 130 alunos de Ensino Infantil até a 8ª série do Ensino Fundamental, uma diretora, um coordenador pedagógico, uma secretária, um vigia, duas auxiliares de serviços gerais e 08 professores. O assentamento Eldorado possui ainda os seguintes espaços coletivos: Duas igrejas que são freqüentadas por seus membros, dois campos de futebol onde acontecem jogos nos finais de semana e dois bares aonde as pessoas vão para beberem bebidas alcoólicas. Em relação à religiosidade e, é um pouco diferenciada, há protestante, católica e candomblé. Mais apenas as “mais velhas” freqüentam esses locais, porém os jovens e adolescentes, procuram campo de futebol, bares, balneários e nos finais de semana saem para de divertirem na cidade.

Venderam terras 59 famílias do P. A, desses 59 lotes, 17 foram habitados por novas famílias que também estão regularizadas junto ao INCRA. Os demais lotes, 42 estão nas mãos de 03 donos em media há uma concentração de 14 lotes, pertencente à apenas uma mesma pessoa. Tais fatores serão abordados a seguir, e que estamos chamando de transformações socioculturais.

### **CAPITULO 3: TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA VIDA CAMPONESA**

*A gênese de um grupo social não pode ser entendida  
Apenas através de processos econômicos de transformação*  
(E. P. Thompson, 1987).

Partindo deste princípio de que as transformações socioculturais de um grupo não são provocadas apenas por questões econômicas, mas por uma série de elementos e situações que os sujeitos vivem e experimentam em seu cotidiano e no contexto sociohistórico mais amplo, discutirei a seguir, os dados encontrados em nossa pesquisa, dados que entendo sejam elementos fundamentais dessas transformações socioculturais.

Segundo Thompson (1983), as pessoas experimentam situações em seu cotidiano que provocam transformações em suas vidas. Para o autor (1983, p. 181), os valores não são passados, são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais com que surgem as idéias. São normas, regras necessárias e aprendidas no habitus de viver. Aprendidas em primeiro lugar na família, no trabalho e na sua comunidade. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida.

No Projeto de Assentamento Eldorado pode-se destacar vários elementos que provocaram transformações: influência familiar (parentesco), créditos de financiamentos mal planejados (Pronaf), energia elétrica no assentamento, mudanças nas atividades produtivas (monocultura), venda e concentração de terra.

### 3.1 O parentesco

O processo de formação do PA Eldorado foi influenciado pelas relações de parentesco: das 135 famílias que ocuparam a área, 23 eram de um mesmo grupo familiar. Esse mesmo grupo de parentes ficou junto numa área, com 1.150 hectares de terras distribuídas entre eles, sem contar com os compadrios que também se estabeleceram próximos e mantinham uma relação como se fossem também parentes. Este fator marcou um território de domínio desse grupo familiar. Há também casos de pequenos grupos, em média de 3 a 5 famílias de um mesmo grupo de relações de parentesco, que se fixaram em terrenos próximos dentro do assentamento. Isso provoca a formação de pequenos territórios “dominados” por um mesmo grupo familiar.

Quando foi liberada, nós as mulheres ficamos ainda na rua, os homens vieram primeiro e se organizaram em grupos para tirar os lotes de todos, eles mediam com uma corda e iam cortando os piques que era as divisas dos lotes uns dos outros, os lotes eram cortados, os piques, aí era entregue colocando os parentes e os compadres tudo perto uns dos outros nos lotes (Maria Raimunda Oliveira. Entrevista concedida em 20/09/10).

Segundo Hebette (2004), a cultura acompanha esses camponeses durante suas vidas em todos seus processos migratórias e são identificados por sua cultura na nova localidade de moradias. Essas famílias vêm com suas características próprias e traz consigo sua cultura, suas práticas profissionais, suas inspirações, suas ambições, que vão imprimir sua marca naquele novo espaço. O papel do parentesco tem sido muito relevante tanto na ocupação da terra como também para a permanência nela [...] A estrutura familiar como se sabe, muitas vezes é determinante no meio rural. Os parentes se procuram, as famílias se dividem, mas também se recompõe.

A relação de parentesco foi um fator condicionante no domínio do território do Assentamento Eldorado nas questões políticas e relações de poder. O grupo familiar das 23 famílias citadas acima, além de terem acessos “privilegiados” aos governantes municipais e a órgãos públicos na cidade, esse grupo também tiveram e ainda tem o

poder de decisão dentro do assentamento. Decidiram onde foi construída a escola do assentamento, que foi construída próxima de suas casas, Assumiram a direção da escola desde sua criação até os dias atuais, além de assumirem também a Associação dos Trabalhadores do assentamento desde sua fundação até os dias atuais. As outras famílias de grupos menores se aproximam e se insere neste grupo maior nas questões de organizações sociopolíticas no assentamento.

O Assentamento Eldorado durante um grande período teve suas características predominada por essa relação de parentesco. As relações construídas desde seu processo de ocupação eram pautadas entre as famílias de grupos de compadres e grupos de parentes. Tais fatores contribuíram nas relações solidárias entre vizinhos, nas organizações dos mutirões nos trabalhos com as roças, relações entre os jovens, entre crianças, construíram uma relação de união coletiva dentro de seus territórios.

No início quando chegamos aqui, era como se fosse tudo parente, todo mundo era compadre, comadre uns dos outros [...] Era como se fosse tudo uma família só, a gente se matasse um animal, se pescasse peixe a gente dividia tudo, a gente dividia com os vizinhos e eles dividiam com a gente [...] As roças eram feitas em mutirão, os homem iam roçar e as mulheres iam fazer comida [...] À noite a gente ia para a casa de algum compadre ficava até tarde contando histórias [...] Os meninos ia brincar no terreiro enquanto os mais velhos conversavam (Maria Raimunda Oliveira. Entrevista em 20/09/10).

Esse período em que as relações solidárias entre os moradores do Assentamento Eldorado perdurou por aproximadamente 10 anos. Começou a ser alterado a partir de alguns fatores que foram surgindo no cotidiano da comunidade. Fatores como experiências com outras atividades produtivas, a saída dos jovens e adolescentes para estudar na cidade, a chegada da energia elétrica, a venda e concentração de terras, o afastamento das famílias e mudança de vizinhos.

Tais fatores provocaram a desestruturação das relações de solidariedade e reciprocidade asseguradas no coletivo, substituindo-as por relações individualistas, de interesses próprios, de conflitos e falta de companheirismo entre os moradores do assentamento.

Com o passar do tempo tudo foi mudando aqui, os vizinhos foram mudando, outros foram embora, chegando pessoas novas e tudo mudou [...] A gente não anda mais na casa uns dos outros [...] Ali tem o galego ali, esse nosso vizinho aqui do lado, se entrar uma vaca nossa para o lado dele ali na cerca, ele não quer deixar nem a gente ir lá buscar a vaca [...] Ele nem vem aqui e nem a gente vai lá a casa dele [...] Quando era o Dé que morava lá, tudo era diferente (Maria Raimunda Oliveira, entrevistada em 20/09/10).

As relações de reciprocidade na divisão dos alimentos antes predominante na comunidade, aos poucos foram diminuindo, sendo trocadas por relações opostas. Os vizinhos cercaram suas terras e essas terras se tornaram espaços privados aonde não se pode entrar sem permissão. Há casos de sérios conflitos entre moradores vizinhos pelo motivo de animais que passou as cercas e entrou na terra de outro.

### 3.2 “Ciclos de produção”



Planto de hortaliça no Assentamento Eldorado  
(foto: Gilberto Coimbra 2010)



veículo de transporte do leite no assentamento  
(foto: Gilberto Coimbra 2010)

As experiências com novas atividades produtivas transformam o contexto de um assentamento, é capaz de mudar as relações de uma comunidade, de um agricultor

com a terra, transforma as relações entre os próprios assentados, transforma hábitos, comportamentos e sustentabilidade.

A noção de ciclos econômicos tem sido usada em alguns estudos de formação econômica do Brasil para denominar períodos e/ou surtos econômicos, geralmente de âmbito regional, que combinam ciclos de prosperidade e estagnação de determinadas atividades produtivas. Como exemplo, o ciclo da borracha, ciclo do ouro, ciclo do café etc. Neste trabalho estou usando o termo ciclo de produção apenas para abordar dois períodos em que houve a predominância de determinadas atividades produtivas no Assentamento Eldorado: o da produção de alimentos e o da produção monocultor-pecuária. Ainda assim reconheço que no interior dessas atividades predominantes coexistam outras práticas produtivas. Também que esses “ciclos” não podem ser compreendidos, único e exclusivamente, pelo contexto de um assentamento, estando inseridos e condicionados por contextos mais amplos.

No ciclo da produção de arroz, a roça de toco era uma estratégia dos agricultores para a sobrevivência, sustentabilidade e ocupação da terra, não só apenas do Assentamento Eldorado, mas também de outros assentamentos. A necessidade de desmatar, fazer a roça, fazer moradias e fixar-se nos lotes, a chamada “benfeitorias” era uma forma de garantir a posse da terra no período de ocupação.

No início as roças eram de tocos, eram brocadas, na foice, derrubadas de machados, mais tarde uns anos depois começaram a derrubar as roças de moto serra [...] as roças eram grandes a gente vendia carradas e carradas de arroz e farinha para essas cidades todas aqui ao redor, produzíamos muito milho também, criava muita galinha, comia e vendia, dava para os vizinhos [...] a gente vivia só da roça, do que a gente produzia aqui mesmo, só comprava apenas o açúcar, café, óleo e roupa [...] o resto tudo era produzido aqui mesmo [...] agora a gente vive do leite e do gado, vendemos o leite para o laticínio, e compramos tudo o que precisamos, tanto roupa como alimentos, compramos tudo na rua (Maria Raimunda Oliveira, entrevistada em 20/09/10).

Quando eu cheguei aqui, eu trabalhava de roça de toco [...] Eu plantava arroz e milho. Eu botava até 02 alqueires de roça, eu colhia até 300 sacas de arroz [...] Eu não dava conta de colher a safra sozinho, eu arrumava trabalhador para me ajudar a colher (Francisco Das Chagas, entrevistado em 25/09/10).

No período em que o assentamento viveu o auge de seu ciclo de produção de alimentos com predominância do arroz, também foi um período em que predominou as relações solidária. Da divisão de alimento e das organizações dos mutirões nas lavouras citadas anteriormente. As épocas das colheitas provocavam também o aumento da população do assentamento devido à vinda de pessoas para o trabalho nas colheitas do arroz. Isso movimentava também o comércio local e regional. Esses produtos das lavouras (arroz, milho e farinha) eram comercializados e vendidos às vezes para atravessadores ou às vezes numa relação de patronagem entre colonos e comerciantes.

No que diz respeito ao comércio local, segundo Medeiros (2003) essa nova população movimenta, seja o mercado ligado a bens de consumo, como vestimentas, calçados, alimentos, material de construção, eletrodomésticos, seja o de insumos agropecuários, como adubos, insumos químicos, etc. Isso principalmente a partir do momento em que começam a ser liberados os primeiros recursos creditícios. O mercado local é dinamizado ainda pela venda de produtos oriundos dos assentamentos, através de feiras, venda direta a supermercados, ou mesmo de porta em porta, ocasionando um novo tipo de concorrência e oferta de produtos que, principalmente quando os municípios pequenos são considerados, tem um peso relativo maior.

Outro fator significativo que altera as relações não só no assentamento como também no município, é a questão organizacional. Segundo a Medeiros (2003) a organização de associações e cooperativas que, além de movimentarem e modificarem as relações do processo produtivo, muitas vezes altera uma prática de comercialização generalizada no interior do país: a realizada por “atravessadores” que, no cotidiano dos produtores, muitas vezes, mais do que comerciantes, são fornecedores de crédito e ajudas dos mais diferentes tipos, constituindo-se em elos importantes nas redes de patronagem.

Com o fim desse ciclo de produção de alimentos (arroz, milha e farinha) no assentamento, os mutirões existentes anteriormente desapareceram com o tempo e se estabeleceram novos tipos de relações, assegurada na propriedade cercada, e no individualismo pessoal, diminuição da população do assentamento e diminuição dos alimentos. Foi estabelecido um novo ciclo produtivo fixando-se a monocultura.



### 3.3 O Pronaf e a criação do gado



Atividades com pecuária na produção de leite no Assentamento Eldorado (Foto: Gilberto Coimbra, 2010).

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar (PRONAF) criado em 1996, conquistados pela luta sindical e pela capacidade organizacional dos trabalhadores, provocou uma série de transformações socioculturais dentro do Assentamento Eldorado: mudou as relações de trabalho, cultura, hábitos e comportamentos.

Para Medeiros (2003), o (PRONAF) provocou mudanças significativas nos assentamentos e na vida dos agricultores familiares, foi o programa de crédito que passou a atender "melhor" os agricultores familiares possibilitando-lhes melhores condições de produção. No entanto, embora tenha aumentado a produção dos agricultores nos assentamentos, concentrou-se em alguns deles, uma única atividade em substituição a diversificação anterior.

Daí, comecei a plantar capim e criar o gado, depois recebi o (PRONAF)... Comprei mais vaca [...] O credito do (PRONAF) achei bom para mim [...] Eu não gastei comprando outras coisas como algumas pessoas fizeram [...] Eu comprei de gado, fiz cerca, açude e para mim foi bom... Atualmente vivo só da pecuária, do gado e do leite [...] (Francisco Das Chagas. entrevistado em 25/09/10).

Embora o PRONAF tenha sido criado não especificamente para a criação do gado, mas para fortalecer a agricultura familiar em todos os aspectos, como o incentivo às lavouras e à fruticultura nos assentamentos. No entanto, no Assentamento Eldorado apenas o gado ganhou destaque. Em 1997, 80 famílias receberam Pronaf, em 2001, 50 receberam este crédito de financiamento. No entanto, todos eles tinham apenas os seguintes itens: pastagem, cercas, açude, curral e gado.

Segundo Hebette (1996, p. 397), a pecuária vai se instalando nos lotes familiares com o apoio de créditos de financiamentos. Para muitos agricultores/produtores o gado é poupança, é moeda circulante. Quando um agricultor não consegue êxito, às vezes é levado a vender a terra.

Eu vendi tentando melhorar de vida [...] Vendi a terra, comprei um carro e fui trabalhar carregando passageiros daqui para outra colônia que [...] Depois eu vendi o carro e comprei esta casa, e uma moto e fui trabalhar de moto-taxista o qual ainda trabalho (Alderico Oliveira, entrevistado em 15/09/10).

Para Hébette (1996), o campo é composto por dois tipos de produtores familiares: os primeiros são agricultores geralmente motivados pela reprodução da família a um nível econômico dentro do campesinato. Já o outro, é orientado numa perspectiva de acumulação de bens, de concentração de terras e de lucros.

O dinheiro também é um fator determinante na vida no campo. Segundo Hebette (1996, p. 397), ninguém mais tem conseguido viver sem dinheiro nos dias de hoje. Porém, o dinheiro no campo é muito raro, para muita gente. Nesse caso, o bem-estar também é muito difícil. O camponês que tem condições de satisfazer suas perspectivas básicas de consumo é quem tem se beneficiado com a transformação e a introdução e uma nova cultura.

Com a introdução da monocultura (criação do gado), as famílias do Assentamento Eldorado passaram a viver uma nova realidade em termos de sustentabilidade, a comunidade passou a viver novas experiências cotidianas.

Somente poucos agricultores conseguiram êxito e melhora de vida financeiramente, outros foram levados a venderem seus lotes de terra por não terem mais condições de produzirem ou até mesmo sobreviver da terra como antes. Das 135 famílias que viviam no assentamento no início, 59 venderam suas terras. Desses 59 lotes, 17 foram habitados por novas famílias que também estão regularizadas junto ao (INCRA), os demais lotes, no total de 42, pertencem a 03 pessoas, que concentram cada uma, em média 700 heqitares de terras.

Atualmente o assentamento tem sua renda predominante na criação de gado leiteiro, exceto alguns aposentados e funcionários públicos. O assentamento produz cerca de 3.000 litros de leite por dia, mas poucos têm quantidade suficiente para seu sustento. Vários agricultores precisam trabalhar na diária ou empreitas para os mais sucedidos para o complemento de seu sustento.

Tudo é comprado na cidade: materiais de limpeza, roupas e calçados, alimentos como arroz, açúcar, feijão, café, óleo, sabão, carnes e outros produtos para o sustento das famílias, o leite é a principal fonte e renda no assentamento.

### **3.4 A chegada da energia elétrica**

A chegada da energia elétrica participou das transformações socioculturais na vida das famílias do assentamento: mudança de hábitos e novas necessidades de consumo.

Segundo Hebette (1998, p. 197), “a vida do camponês é marcada também pelo consumo”. Para ele, uma referência para apreciar a situação no campo, é a um nível de consumo cultural e material, ou seja, os padrões sociais de consumo devem ser observados, pois essas normas de consumo são definidas todas dentro de um contexto.

Com a chegada da energia elétrica, novos padrões de consumo e hábitos foram adquiridos pelas famílias do assentamento. Entre eles, a ampliação da quantidade de móveis e eletrodomésticos. Visitando várias residências de famílias, observa-se que todas elas possuem móveis e eletrodomésticos, como fogão, geladeira, liquidificador,

freezer, ventiladores e principalmente a televisão. Melhorando a qualidade de vida das famílias.

Más a televisão transformou de forma significativa a vida e o cotidiano das famílias do assentamento. Era de “costume” algumas famílias naquela comunidade se reunir a família toda em volta da mesa para o jantar todos juntos. Com a chegada da televisão isso deixou de existir, agora cada membro da família faz seu jantar sozinho em frente à televisão.

Outra questão que deixou de existir com a televisão foram às visitas das famílias às casas umas das outras. Com a chegada da televisão, as famílias ao anoitecer já estão em frente à televisão assistindo suas programações. Mas a televisão também trouxe benefícios para a comunidade, entre eles o acesso a informação, o lazer e outros.

### **3.5 relações intergeracionais: estrutura familiar e reprodução do campesinato**

Outro elemento de destaque na vida cotidiana da comunidade do Assentamento Eldorado, são as relações intergeracionais. Os valores familiares foram transformados pelas vivências experimentadas pelas novas gerações (filhos, netos, sobrinhos e outros).

Somos católicos, nossa família tem o costume de tomar bênção para os mais velhos, eu tomo bênção para todas as pessoas de idade, é uma forma de respeito [...] Só que essa turma mais nova, não toma bênção mais não, nem mesmo para os parentes, meus sobrinhos não me toma bênção não [...] Só a turma do meu tempo toma bênção para os mais velhos, essa turma nova não toma bênção nem para os pais deles [...] não respeitam mais ninguém (Maria Raimunda Oliveira. Entrevistada em 20/09/10).

Segundo Thompson (1983, p. 195), “os valores não são passados, são vividos [...] São aprendidos no habitus de viver, na família, no trabalho e na

comunidade”. Para ele, as pessoas experimentam suas experiências como sentimentos, lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares, reciprocidade, valores e convicções.

Os valores e costumes também foram transformados na vida da comunidade do Assentamento Eldorado, provocados por alguns fatores entre eles a discordância de opiniões entre gerações. Como no exemplo da bênção uma tradição trazida pelos “mais velhos” para o assentamento e que carrega valores e significados para eles. No entanto para as novas gerações, isto não tem importância, e tem outro significado eles como situações de sensações vergonhosas (*pagar mico*) como eles mesmos dizem.

Esses valores familiares da comunidade do Assentamento Eldorado são marcados pela discordância intergeracionais: de um lado, uma geração de adultos ligada a seus princípios, valores e convicções. Do outro lado, uma geração de jovens e adolescentes buscando a todo o momento sua inserção no mundo da informação, do consumo e da tecnologia. E ao mesmo tempo buscando sua auto-afirmação enquanto gerações jovens.

Algumas famílias reclamam de que os filhos não acompanham os pais para a igreja como eles gostariam e preferem frequentar outros espaços como bares, clube de festas e campos de futebol. Mas os maiores conflitos e discordâncias estão no consumo cultural dos jovens e adolescentes.

Alguns pais não discordam às vezes como os filhos se vestem, sejam roupas curta ou tipos de roupas fora dos valores e princípios idealizados pelos pais. Existem pais que afirmam que não gostam o fato do filho usar *piercing*, tatuagem, brinco, tipo de tinta e corte de cabelo. Coisas não aceitas pelos “mais velhos”, e adotadas pelos jovens e adolescentes do assentamento. Isso são valores que são transformados e possuem significados diferentes para cada geração.

Tais fatores me levam a dizer que um novo perfil de homem do campo está se estabelecendo dentro do assentamento. São jovens que assumem e se declaram como camponeses, que vivem no campo. No entanto, ao mesmo tempo são jovens que frequentam vários espaços, que se vestem o que eles chamam de *roupas macas*, que romperam com o estereótipo de homem do campo seja *caipira*. São jovens que possuem certos “padrões de consumo”, com acesso a lazer e informações.

Porem a falta de oferta de ensino médio o superior no Assentamento Eldorado Põe em risco a reprodução camponesa de continuidade/sustentabilidade do assentamento. Como no assentamento não tem ensino médio, este fator tem provocado também muitas transformações socioculturais dentro do assentamento.

Tenho um sonho de ser enfermeira, pretendo estudar pra isso, enfermeira é uma profissão que eu admiro, pretendo sair daqui para estudar na cidade, eu não posso parar de estudar, tenho de continuar estudando [...] Se tivesse como estudar aqui, eu não ia embora de jeito nenhum daqui [...] Mas como não tem ensino médio aqui, vou ter que ir embora para estudar (Meiriane, 15 anos, entrevistada em 25/09/10)

Ao terminar o ensino fundamental, os jovens do Assentamento Eldorado começam a viver o drama da saída do assentamento para estudar na zona urbana o que tem provocado transformações na estrutura das famílias. Algumas famílias têm mandado seus filhos para estudada na zona urbana, mas esses filhos não voltam mais para o assentamento, depois de estudarem eles se estabilizam e permanecem na cidade. Os pais ao se encontrarem sozinhos no campo acabam vendendo suas terras e indo embora para perto desses filhos.

Outro fator que tem sido alterado com a saída dos jovens do assentamento para estudar na cidade é a questão de gênero. Algumas famílias têm optado por mandarem as filhas mulheres para estudar na cidade e pela a permanência dos filhos masculinos no campo para ajudar nas atividades do gado. Esses jovens do sexo masculino que pára de estudar e permanecem no assentamento, a grande maioria acaba procurando e se casando com meninas de outras localidades e se tornando vaqueiros ou caseiros dos fazendeiros de dentro ou ao redor do assentamento.

Vivo aqui na fazenda do Pingo, sai da casa dos meus pais que moram também aqui, eles vivem ali na terra deles, eu terminei o ensino fundamental, aí não pude sair pra fora para estudar mais, aí vim trabalhar aqui na fazenda, mas eu vou sempre lá a casa ver eles e deixar algum dinheiro para ajudar eles, eles cuidam lá da terra deles só eles dois [...] E eu vim trabalhar aqui de vaqueiro aqui para o [...] Aqui to trabalhando e ganhando meu dinheiro (J.S 23 anos, entrevistado em 30/09/10).

Outro fator de mudança no assentamento com saída em maior quantidade das meninas do que de meninos para a cidade é a questão do lazer. O fato de existir maior quantidade de jovens do sexo masculino e quase não existir jovens do sexo feminino, leva esses jovens à procura constante de lazer e prazeres fora do assentamento muitas vezes coloca suas vidas em situação de risco em busca de aventuras e festas nas cidades próximas do assentamento.

Quando não tem festa aqui, a gente pega as moto e vai uma turma para as festas na rua [...] a primeira coisa que um cara solteiro compra aqui é uma moto para ir para os torneios e festas [...] todo cara solteiro aqui tem uma moto [...] A gente combina todo mundo e vamos uma turma para a festa lá na rua, aí a gente volta tudo de madrugada uma turma, a gente só volta depois que as festa acabam tudo e os bares fecham todos, depois das 3 horas da madrugada a policia fecha as festas e todos os bares, aí vem embora a turma toda que anda juntos (J.S entrevistado em 30/09/10).

São jovens que lidam com sentimentos, desejos e que buscam sua afirmação em uma nova realidade totalmente transformada. A moto para os jovem do sexo masculino que vive no assentamento, se tornou o principal objeto de desejo e de valor simbólico para eles. Tanto no sentido de locomoção de estar em vários lugares em pouco tempo, como a sensação de liberdade, poder e identidade desses jovens. Esses jovens aprendem a lidar com essa nova realidade no seu cotidiano de maneira que assimilam e transformam sua cultura.

### 3.6: O assentamento e os desafios para as escolas



Jovens da 8ª série da Escola Boa Esperança  
(foto: Gilberto Coimbra 2010)

veículo de transporte escolar  
(foto: Gilberto Coimbra 2010)

A educação também é um fator que transformou e transforma a vida da comunidade do Assentamento Eldorado em vários aspectos. O assentamento possui duas escolas de ensino fundamental, merenda escolar, professores com nível superior, não existem analfabetos e nem crianças de 4 a 14 anos fora da escola. No entanto a um grande desafio para as famílias e os jovens para darem continuidade nos estudos no ensino médio.

Tanto a saída dos jovens do assentamento para estudarem em outros lugares como todas as situações que ocorreram e transformaram o assentamento ao longo de duas décadas acabaram também refletindo nas escolas. No Assentamento Eldorado existia 5 escolas 3 foram desativadas todas por falta de alunos. Restando apenas 2 escolas que também poderão ser desativadas futuramente, pois a cada ano vem diminuindo o número de seus alunos.

A saída das famílias do assentamento, o “êxito rural”, provoca uma série de fatores e dificuldades para as escolas. O número de alunos diminui, algumas escolas são desativadas e como consequência os alunos passam a dependerem de transporte escolar que é precário para migrarem para outras escolas. Essa tem sido a resposta dada pelo poder público municipal diante dessa situação. A Secretaria Municipal de Educação de



Eldorado do Carajás polarizou as escolas nos assentamentos e implantou o sistema do transporte escolar. Essa tem sido uma política também adotada por outros municípios. Esses alunos são levados para escola pólo, algumas das séries são juntas em uma única sala, o que chamamos de multisseriado, principalmente as de 1ª a 4ª. Esse processo vem acompanhado de vários problemas, como a falta de recursos, as questões pedagógicas e a falta de qualificação profissional dos docentes para trabalhar com multisseriado. Mas esse é um tema para outro tipo de investigação que não é de nosso interesse neste trabalho.

O Assentamento Eldorado tinha 5 escolas todas criadas em 1993, não se sabe o número de alunos dessas escolas nessa época inicial. Existem atualmente 2 escolas dentro do assentamento, a escola Wlisses Guimarães com 15 alunos de 1º ao 5º ano do ensino fundamental multisseriado e a Escola Boa Esperança que possui 115 alunos que vai do ensino infantil até o 9º ano do ensino fundamental, mas essa não é multisseriado, os alunos são organizados por série.



Momento recreativo na Escola Boa Esperança  
Em outubro de 2010.



Alunos chegando à Escola Boa Esperança de  
Outros assentamentos para estudarem.



Alunos da 6ª série da Escola Boa Esperança em  
Setembro de 2010.



Alunos da Escola Boa Esperança em ensaio junino em  
Junho de 2010.

Por se tratar de uma escola de maior porte que as demais da região, a Escola Boa Esperança funciona como escola pólo e tem como anexa 12 escolas pequenas dos assentamentos vizinhos que atendem do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Com isso ela passa a receber os alunos das escolas anexas a partir do 6º ano. Esses alunos a partir daí começam a depender de transporte escolar precário e outros problemas. Muitos desses alunos a partir do 6º ano acabam indo embora para a cidade para estudar, outros desistem sem nem completar o ensino fundamental.

No entanto as escolas são obrigadas a conviver com tantos desafios. São estradas ruins, transporte escolar precário, evasão escolar, transferência de alunos para a cidade, as famílias saindo do assentamento a cada dia que passa. Os alunos diminuindo, a cada ano escolas são desativadas na região. Só em 2010 foram 4 escolas desativadas na região. Como superar esse problema? Como enfrentar esta situação? A educação do campo é uma possibilidade de mudança desta situação. Se as escolas e toda comunidade do assentamento se mobilizarem, se unirem reivindicando a educação do campo, é que haja nos currículos escolares uma maior atenção para as particularidades do campo que se leve em conta a vida dos sujeitos, a cultura local, organização política, as individualidades, coletividade, atividades produtivas e a vida cotidiana e a pesquisa como princípio educativo, pode haver uma possibilidade de mudança na educação no Assentamento Eldorado.

No entanto diante da ausência do poder público e de políticas públicas para o assentamento, a falta de mobilização, não tenho visto perspectivas satisfatórias para mudar essa realidade. A cada ano diminui o número de famílias e de alunos e as 2 escolas do assentamento que ainda restam, correm o risco em um futuro muito breve de também serem desativadas e não existir mais nenhuma escola no Assentamento Eldorado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o fator econômico tenha provocado grande parte das transformações socioculturais no assentamento através do principal meio de produção que é a terra, mas somente este fator não responde todas essas transformações. É necessário destacamos vários outros fatores que foram relevantes para essas mudanças.

Em relação ao fator econômico, podemos afirmar que os créditos/financiamentos principalmente o Pronaf, pautado no incentivo à pecuária, foi o principal responsável pela diminuição dos alimentos, das lavouras, da coletividade e a concentração de terras. Embora ele tenha trazido benefícios e melhorias de vida a algumas pessoas do assentamento. No entanto, é necessário aos agricultores repensarem nessas linhas de créditos, buscando alternativas em produções diversificadas, para a permanência e sustentabilidade das famílias no campo.

A educação também é um fator que transformou a vida das famílias do assentamento. A falta do ensino médio nos assentamentos provoca a saída dos jovens para estudarem nas cidades vizinhas. Após os filhos irem todos embora para estudar e não voltarem mais para o assentamento, os pais acabam indo embora atrás dos filhos. Daí faz se necessário pensar numa política educacional que assegure a possibilidade da permanência do jovem e de suas famílias no assentamento.

No que tange a questão das relações solidárias entre vizinhos e a questão de parentesco, podemos destacar o afastamento dessas pessoas para outros lugares, a divisão dessas famílias, mesmo com a chegada de novos vizinhos as relações se tornaram diferentes, pois os primeiros vizinhos pioneiros tiveram um processo de luta, “fixação” na terra e na comunidade, pautada na união coletiva, em valores, significados e história de luta juntas. Totalmente diferente dos novos moradores e por isso as relações também são diferentes.

No que diz respeito a estrutura familiar, podemos destacar a mudança de gerações: o que tem valor sentimental, significados e conceitos para os pais, tios, avós e outros chamados “mais velhos”, não tem a mesma importância para a nova geração. São

jovens e adolescentes que experimentam e vivem novas situações, lidam com novos desafios e atribui novos significados e novos valores para sua vida e suas convicções. Essa mudança de gerações é um fator que transforma os costumes e tradições das famílias, transformam um o contexto de grupo e toda uma comunidade, como transforma uma realidade existente.

Quanto as minhas perspectivas de vida profissional, pretendo seguir na área de gestão com pessoas e com projetos. E contribuir com as pessoa do assentamento, e com luta pela a educação em comunidades carentes nas periferias e nos projetos de assentamentos da Reforma Agrária espalhados por todo o país mesmo que eu não possa me fixar em nenhum deles. Mas como uma forma de agradecimento por tudo que o campo me proporcionou.

## **REFERÊNCIAS**

### **i) FONTES PRIMÁRIAS**

#### **Entrevistas Orais**

CHAGAS, Francisco. Entrevista oral (gravada) em 25 de Setembro de 2010.

INÁCIO, Meiriane, entrevista oral (gravada) em 25 de setembro de 2010

J. S. Entrevista oral (gravada) em 30 de setembro de 2010.

OLIVEIRA, Alderico. Entrevista oral (gravada) em 15 de Setembro de 2010

RODRIGUES, Maria Raimunda. Entrevista oral (gravada) em 20 de Setembro de 2010.

VIRGILIO Lucas. Entrevista oral (gravada) em 30 de setembro de 2010.

#### **Planos, Relatórios e outros documentos**

COPSERVIÇOS. PDA de 2005 do P. A. Eldorado. Consulta realizada em agosto de 2010.

ESCOLA BOA ESPERANÇA. Estatística de encerramento do ano letivo de 2010. Consulta realizada em 20 de Dezembro de 2010.

### **ii) BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Rogério. Araguaia-Tocantins: **Fragmentos de 20 anos de luta pela terra**. Amazônia. UFPA/Naea. 2009.

EMMI, Marília Ferreira e Rosa, E. Azevedo Morin. **Crise e Rearticulação das Oligarquias no Pará**. PAPER DO NAEA 104. Belém-Pará-Brasil. Setembro 1998.

FRANCO, Maria Almeida Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

HEBETTE, Jean. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2004 (vol. 2).

HEBETTE, Jean e MOREIRA, Edema silva. Situação social das áreas rurais amazônicas. **Caderno de estudos sociais**. Recife. Vol.12, nº 2, julho a dezembro 1996.

HURTIENNE, Thomas. Agricultura familiar na Amazônia Oriental: uma comparação dos resultados da pesquisa socioeconômica sobre fronteiras agrárias sob condições históricas e agroecológicas diversas. **Novo Caderno Naea**, v. 2, nº 1 – 1999 – Belém: NAEA/UFPA, 1999, p. 75-94.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, Leonilde Servalo. “Sem Terra,” “Assentados”, “Agricultores familiares”: Considerações sobre os conflitos sociais e as formas de organização dos trabalhadores brasileiros. **Una nueva ruralidad en América Latina**. Buenos Aires, CLACSO, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Pesquisa Social, **Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMPSON, Edward Paul. O termo ausente: experiência. In:\_\_\_\_. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro. Zahar. 1981, p.180-200.

SAHLINS, Marshall. Estrutura e História. In:\_\_\_\_. **Ilhas da História**. Tradução de Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 170-195.

## ANEXOS

### 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA MORADORES QUE ESTIVERAM NO INICIO DA OCUPAÇÃO E PARA OS QUE CHEGARAM APÓS.

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Naturalidade:

Tempo de moradia no local:

Processos migratórios:

Processo histórico de ocupação do lote:

Atividades produtivas histórico/atuais:

Relações com vizinhos:

Lazer:

Tradições familiares:

Perspectivas de vida.

### 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA QUEM VENDEU A LOTE NO ASSENTAMENTO

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Naturalidade:

Processo migratório:

Atividades produtivas, sustentabilidade que tinha no assentamento:

Relações socioculturais que tinha:

Motivos da venda do lote:

Como vivem hoje:

Relações socioculturais que construíram no novo espaço:

Perspectivas de vida:

### 3: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS DO ASSENTAMENTO

Nome:

Idade:

Sexo:

Naturalidade:

Processo migratório;

Como vivem e o que fazem;

Relações socioculturais;

Lazer;

Sonhos;

Perspectivas de vida;